



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

VIOLÊNCIA FILHO-PARENTAL SOB A PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES

FELIPE MOREIRA STURNICHI

SÃO CARLOS

2025

FELIPE MOREIRA STURNICHI

VIOLÊNCIA FILHO-PARENTAL SOB A PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES

CHILD TO PARENT VIOLENCE FROM THE PERSPECTIVE OF

ADOLESCENTS

VIOLENCIA FILIO-PARENTAL DESDE LA PERSPECTIVA DE

ADOLESCENTES

A presente monografia está sendo realizada com a finalidade de obtenção do título de bacharel no curso de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos pela disciplina de Monografia 2.

O estudo foi desenvolvido sob a orientação e supervisão da Profa. Dra. Sabrina Mazo D Affonseca.

SÃO CARLOS

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Dra. Sabrina Mazo D'Affonseca pela orientação e pelas contribuições essenciais ao desenvolvimento deste trabalho. Também sou grato aos membros do Laboratório de Análise e Prevenção a Violência da UFSCar (LAPREV) pelas discussões e sugestões que enriqueceram significativamente este estudo, principalmente o pesquisador Douglas Cordeiro Cruz Rocha, por sua ajuda na coleta e análise dos dados, pois, também, permitiu que o laboratório transformasse parte do trabalho em retorno interventivo e educativo a instituição que possibilitou a coleta de dados, e citando ela, agradeço aos funcionários que compõem a equipe do SESI São Carlos que receberam e trataram tão bem os pesquisadores, particularmente Alessandra Luzia da Roz que aceitou nossa entrada e se preocupou com a prevenção a violência. Agradeço ao pesquisador Luís Eduardo Burgos Benavides, de quem herdei esta pesquisa, que confiou em meu trabalho e me auxiliou na análise dos dados. Também à Carmem Beatriz Neufeld que foi tão essencial para o início do projeto e cooperou em sua conclusão. Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) que foi tão importante pela disponibilização de recursos em prol da pesquisa brasileira e serviu experiências acadêmicas riquíssimas. Também agradeço aos meus pais e familiares, em especial minha avó Creuza da Silva Moreira, que me sustentaram financeiramente e afetivamente para que eu pudesse sobreviver e fazer este trabalho, e aos meus amigos, espalhados por várias cidades, que tiveram a função de família, espero que saibam que são vocês ao lerem esta seção.



Apoio financeiro: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq-Brasil) por meio do Edital ProPq 001/2024 PIBIC, PIBIC-AF, PIBIC-AF (INDÍGENA) E PIBITI: SELEÇÃO 2024-2025 da Coordenadoria dos Programas de Iniciação Científica e Tecnológica (CoPICT) da Pró-Reitoria de Pesquisa (ProPq) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

RESUMO

STURNICHI, Felipe Moreira. *Violência filho parental pela perspectiva de adolescentes*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Psicologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2025.

A violência filho-parental é um tipo de violência familiar em que as crianças se envolvem em comportamentos violentos contra os pais e cuidadores familiares e não familiares. A presente pesquisa teve como objetivo analisar a relação entre a violência filho-parental e outras manifestações de violência juvenil em uma população de ensino fundamental II e médio, comparando a incidência por gênero entre vítimas e agressores e as funções da violência envolvidas. Participaram 94 estudantes de uma escola particular da cidade de São Carlos (SP), com idades entre 14 e 18 anos ($M=15,5$; $DP = 0,99$), a maioria (56,4%) do gênero feminino. Os resultados indicaram maior prevalência de violência psicológica, seguida por comportamentos de domínio/controlado e violência financeira, sendo a violência física a menos frequente. Verificou-se ainda que as meninas relataram mais comportamentos violentos de natureza reativa, especialmente contra as mães. Esses achados reforçam a necessidade de aprofundar os estudos sobre as dinâmicas familiares e sociais que influenciam a ocorrência da violência filho-parental, a fim de subsidiar estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes no contexto escolar e familiar.

Palavras Chave: violência, filhos, pai

ABSTRACT

Child-to-parent violence is a type of family violence in which children engage in violent behaviors against parents and both familial and non-familial caregivers. The present study aimed to analyze the relationship between child-to-parent violence and other manifestations of youth violence in a lower and upper secondary school population, comparing the incidence by gender among victims and aggressors, as well as the functions of the violence involved. Ninety-four students from a private school in the city of São Carlos (SP) participated, aged between 14 and 18 years ($M=15.5$; $SD=0.99$), with the majority (56.4%) being female. The results indicated a higher prevalence of psychological violence, followed by dominance/control behaviors and financial violence, with physical violence being the least frequent. It was also found that girls reported more violent behaviors of a reactive nature, especially against mothers. These findings reinforce the need to deepen studies on the family and social dynamics that influence the occurrence of child-to-parent violence, in order to support more effective prevention and intervention strategies in school and family contexts.

Key-words: violence, children, kids, parents.

RESUMEN

La violencia filio-parental es un tipo de violencia familiar en la que los hijos se involucran en comportamientos violentos contra los padres y cuidadores, tanto familiares como no familiares. La presente investigación tuvo como objetivo analizar la relación entre la violencia filio-parental y otras manifestaciones de violencia juvenil en una población de enseñanza secundaria básica y media, comparando la incidencia por género entre víctimas y agresores, así como las funciones de la violencia involucradas. Participaron 94 estudiantes de una escuela privada de la ciudad de São Carlos (SP), con edades entre 14 y 18 años ($M=15,5$; $DE=0,99$), siendo la mayoría (56,4%) del género femenino. Los resultados indicaron mayor prevalencia de violencia psicológica, seguida de comportamientos de dominio/control y violencia económica, siendo la violencia física la menos frecuente. Se verificó además que las chicas informaron más comportamientos violentos de naturaleza reactiva, especialmente contra las madres. Estos hallazgos refuerzan la necesidad de profundizar los estudios sobre las dinámicas familiares y sociales que influyen en la ocurrencia de la violencia filio-parental, a fin de sustentar estrategias de prevención e intervención más eficaces en el contexto escolar y familiar.

Palabras Clave: violencia, hijos, padres.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
<i>Funções da violência.....</i>	<i>18</i>
<i>Fatores de Risco.....</i>	<i>21</i>
OBJETIVOS.....	23
<i>Objetivos específicos.....</i>	<i>23</i>
HIPÓTESES.....	24
MÉTODO.....	24
<i>Participantes.....</i>	<i>24</i>
<i>Instrumentos.....</i>	<i>25</i>
<i>Procedimento.....</i>	<i>27</i>
<i>Análise de dados.....</i>	<i>28</i>
RESULTADOS.....	29
Tabela 1.....	30
Tabela 2.....	31
DISCUSSÃO.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, houve um aumento exponencial no número de investigações sobre a violência juvenil (Burgos-Benavides et al., 2023; Ibabe, 2020) e, dentre elas a violência de filhos contra pais. A violência filho-parental (VFP) é o termo usado para *Child-to-parent violence* (CPV) em inglês. Esse termo descreve a violência perpetrada por crianças contra pais, parentes e cuidadores não parentes (Boxall & Sabol, 2021; Pereira et al., 2017). Nesse tipo de violência, as crianças maltratam suas vítimas de forma consciente e intencional (Boxall & Sabol, 2021; Molla-Esparza & Aroca-Montolio, 2018).

Os padrões de comportamento da violência entre pais e filhos são reiterados ao longo do tempo e os meios mais comuns de manifestação são a violência psicológica, física, econômica e controle/domínio. A violência psicológica compreende comportamentos como intimidação, manipulação, ameaças, humilhações e chantagens emocionais, com o objetivo de controlar ou causar medo nos pais, afetando sua autonomia e autoestima. A violência física refere-se a atos de agressão direta, como empurrões, tapas, socos, chutes, arremesso de objetos ou destruição de bens, visando ferir ou intimidar os cuidadores e impor poder sobre eles. Já a violência econômica envolve o roubo ou exigência coercitiva de dinheiro e recursos, destruição de propriedade ou contração de dívidas em nome dos pais, configurando uma forma de controle financeiro sobre a família (Cottrell, 2001; Pereira et al., 2017). Os comportamentos de controle/domínio são definidos pela tentativa de adquirir autonomia na dinâmica familiar aproveitando-se de brechas na autoridade das figuras parentais (Cottrell, 2001; Pereira et al., 2017). Na violência filho-parental, exclui-se a violência única (episódio isolado que ocorreu uma única vez) e a violência que ocorre em um estado de consciência prejudicada, por exemplo, intoxicação, delírios ou alucinações.

Assim como a violência causada por distúrbios psicológicos transitórios ou estáveis. O parricídio sem um histórico anterior de violência também é excluído (Pereira et al., 2017).

As crianças e adolescentes podem ter diferentes razões ou motivações para se envolverem em violências direcionadas aos cuidadores: (a) reativa, quando ocorre em resposta a invasões percebidas ou reais feitas pelos pais. Comumente motivada por uma sensação de retaliação ou defesa contra a ameaça intuída (Harries et al., 2024); (b) afetiva - resposta comportamental deslocada, originada do medo ou frustração interna, não sendo necessariamente uma resposta direta à uma ação dos pais, mas sim uma manifestação de emoções negativas acumuladas, como frustração, ansiedade ou raiva. É uma forma de agressão que surge como uma válvula de escape para emoções internas ou como sinalizador aos pais para um pedido de socorro e/ou atenção diante de uma situação de negligência (Harries et al., 2024); (c) proativa/instrumental, caracterizada por ser dominadora, planejada e instrumental, ou seja, não surge em resposta imediata a uma provocação, mas é calculada e utilizada como uma ferramenta para alcançar domínio ou autonomia dentro da relação familiar, uma forma de agressão deliberada, usada para alcançar um objetivo específico, como controlar ou manipular os pais (Harries et al., 2023, 2024; Howard & Rottem, 2008; Molla-Esparza & Aroca-Montolio, 2018; Rutter, 2024).; (d) relações intersociais externas na ausência ou precariedade de habilidades socioemocionais (Ibabe, 2020); e (e) controle coercitivo situacional, uma resposta maladaptativa diante de situações estressoras no lar, família (Ibabe, 2020).

De acordo com Harries et al. (2024), a teoria do poder diádico é fundamental para entender a VFP. A premissa dessa teoria é a de que as dinâmicas de poder são inerentes a todas as relações. A percepção de poder de um indivíduo determina sua propensão a tentar controlar o comportamento do outro. Essas tentativas de controle se

tornam mais frequentes quando ambos os indivíduos possuem um nível de poder relativamente igual dentro da relação (Harries et al., 2024). Assim, dentro da dinâmica familiar, os filhos, frente a medidas coercitivas, podem sentir a necessidade de lutar pelo controle contra seus pais, especialmente quando percebem que possuem poder suficiente para desafiar a autoridade parental. Esse poder percebido pode ser influenciado por uma série de fatores, incluindo traços de personalidade (e.g. insensibilidade emocional (callous-unemotional traits) e narcisismo), que são frequentemente associados à VFP proativa. (Harries et al., 2024).

Outro aspecto importante a ser considerado é a dissolução dos limites tradicionais entre pais e filhos, que pode levar a uma inversão de papéis na dinâmica familiar. Quando os pais não conseguem manter uma clara distinção entre os papéis de cuidador e criança, isso pode desestabilizar a relação e criar um ambiente onde a VFP tem uma probabilidade maior de ocorrer. Em alguns casos, o jovem pode ser tratado como um parceiro pelo cuidador, o que confere ao filho um poder desproporcional dentro da família resultando em um apego desorganizado, onde o pai ou a mãe podem parecer tanto assustados quanto assustadores para o jovem. Essa ambiguidade e imprevisibilidade podem motivar o jovem a tentar controlar a situação por meio de violência, transformando a relação familiar em uma luta contínua por poder. (Harries et al., 2024).

Percebem-se dois padrões coercitivos emergentes da luta de poder entre pais e filhos seguindo a teoria do poder diádico, o padrão permissivo-hostil e o mutuamente hostil. No padrão permissivo-hostil, o jovem usa a agressão para controlar os pais, que respondem retirando-se ou evitando o confronto, o que pode reforçar ainda mais o comportamento agressivo do filho. Esse padrão é problemático porque a falta de

consequências para o comportamento coercitivo do jovem pode incentivar a continuidade e intensificação da VFP. (Harries et al., 2024).

No padrão mutuamente hostil, tanto os pais quanto os filhos estão envolvidos em uma luta constante por poder, onde as agressões proativas do jovem desencadeiam tentativas de controle por parte dos pais, levando a reações violentas tanto proativas quanto reativas. Esse padrão pode criar um ciclo vicioso de hostilidade, tornando difícil romper a dinâmica de violência. (Harries et al., 2024).

Nos estudos de Harries (et al., 2024) foram identificados dois tipos distintos de díades que reproduzem a VFP: díades altamente proativas e díades pouco proativas. Jovens que utilizam-se da VFP com um componente proativo significativo possuem traços de personalidade que lhes conferem poder na relação, onde o jovem exibe mais autonomia e menos monitoramento (além de maior presença de relatos de “esposificação”), enquanto seus cuidadores apresentam comportamentos que variam entre retraídos e hostis. Embora os pais nessas díades não fossem permissivos em termos tradicionais, eles relataram mais tentativas de disciplina, incluindo técnicas mais assertivas e intrusivas, mas com resultados limitados devido à resistência do jovem e à alta irritabilidade observada. Nestas díades as taxas de VFP instrumental foram significativamente maiores ainda que os outros tipos de função também aparecessem.

Por outro lado, em díades onde a VFP é predominantemente afetiva, sendo raramente proativa ou, quando na instância específica, reativa, os pais demonstraram mais controle, talvez até excessivo, sobre os jovens. O controle parental era mantido através de ações intrusivas e assertivas, mas os cuidadores ainda eram calorosos e envolvidos. Esses jovens mostravam menos autonomia e não conseguiam desafiar efetivamente o controle parental, o que resultava em menos VFP proativa. (Harries et al., 2024).

Pesquisas identificaram vários fatores de risco em crianças que cometem esse tipo de violência, incluindo violência familiar prévia, práticas parentais, estilos educacionais, negligência, punição corporal, abuso físico, uso de álcool ou substâncias, estresse, problemas de comunicação, abuso sexual, atos criminosos, problemas emocionais, exposição à violência, comportamento impulsivo, violência entre pares e uso problemático das redes sociais (Cano-Lozano et al., 2023; Gallego et al., 2019; Junco-Guerrero et al., 2023). A exposição à violência, em especial, é um importante indicador desse tipo de violência (Ávila-Navarrete & Correa-López, 2021; Calvete, 2023; Cancino-Padilla et al., 2020; Ibabe et al., 2020; Nam et al., 2022). A exposição à violência pode ocorrer em diferentes contextos, como em casa, na rua, na escola ou pode ser observada por meios tecnológicos (Bautista-Aranda et al., 2023; Contreras et al., 2020b; Nam et al., 2022). Esse preditor parece ter uma implicação importante no comportamento violento das crianças em relação aos pais, cuidadores, parentes e não parentes.

Esse problema está se tornando cada vez mais frequente nas interações com o núcleo familiar, que historicamente tem apresentado diferentes cenários de violência, especialmente durante a adolescência. (Burgos-Benavides et al., 2024a). Em nível global, a prevalência da VFP ainda é limitada (Junco-Guerrero et al., 2023). Estima-se que a violência psicológica ocorra entre 28,8 e 91,5%, a violência física entre 2,5 e 25%, a violência econômica 60% e os comportamentos controladores 70% (Beckmann, Bergmann, Fischer, & Möble, 2021; Cano-Lozano, León, & Contreras, 2021; Margolin & Baucom, 2014).

As crianças e adolescentes podem ter diferentes razões ou motivações para se envolverem em violências direcionadas aos cuidadores: (a) reativa, quando ocorre em resposta a invasões percebidas ou reais feitas pelos pais. Comumente motivada por uma

sensação de retaliação ou defesa contra a ameaça intuída (Harries et al., 2024); (b) afetiva - resposta comportamental deslocada, originada do medo ou frustração interna, não sendo necessariamente uma resposta direta à uma ação dos pais, mas sim uma manifestação de emoções negativas acumuladas, como frustração, ansiedade ou raiva. É uma forma de agressão que surge como uma válvula de escape para emoções internas ou como sinalizador aos pais para um pedido de socorro e/ou atenção diante de uma situação de negligência (Harries et al., 2024); (c) proativa/instrumental, caracterizada por ser dominadora, planejada e instrumental, ou seja, não surge em resposta imediata a uma provocação, mas é calculada e utilizada como uma ferramenta para alcançar domínio ou autonomia dentro da relação familiar, uma forma de agressão deliberada, usada para alcançar um objetivo específico, como controlar ou manipular os pais (Harries et al., 2023, 2024; Howard & Rottem, 2008; Molla-Esparza & Aroca-Montolio, 2018; Rutter, 2024).; (d) relações intersociais externas na ausência ou precariedade de habilidades socioemocionais (Ibabe, 2020); e (e) controle coercitivo situacional, uma resposta maladaptativa diante de situações estressoras no lar, família (Ibabe, 2020).

De acordo com Harries et al. (2024), a teoria do poder diádico é fundamental para entender a VFP. A premissa dessa teoria é a de que as dinâmicas de poder são inerentes a todas as relações. A percepção de poder de um indivíduo determina sua propensão a tentar controlar o comportamento do outro. Essas tentativas de controle se tornam mais frequentes quando ambos os indivíduos possuem um nível de poder relativamente igual dentro da relação (Harries et al., 2024). Assim, dentro da dinâmica familiar, os filhos, frente a medidas coercitivas, podem sentir a necessidade de lutar pelo controle contra seus pais, especialmente quando percebem que possuem poder suficiente para desafiar a autoridade parental. Esse poder percebido pode ser influenciado por uma série de fatores, incluindo traços de personalidade (e.g.

insensibilidade emocional (callous-unemotional traits) e narcisismo), que são frequentemente associados à VFP proativa. (Harries et al., 2024).

Outro aspecto importante a ser considerado é a dissolução dos limites tradicionais entre pais e filhos, que pode levar a uma inversão de papéis na dinâmica familiar. Quando os pais não conseguem manter uma clara distinção entre os papéis de cuidador e criança, isso pode desestabilizar a relação e criar um ambiente onde a VFP tem uma probabilidade maior de ocorrer. Em alguns casos, o jovem pode ser tratado como um parceiro pelo cuidador, o que confere ao filho um poder desproporcional dentro da família resultando em um apego desorganizado, onde o pai ou a mãe podem parecer tanto assustados quanto assustadores para o jovem. Essa ambiguidade e imprevisibilidade podem motivar o jovem a tentar controlar a situação por meio de violência, transformando a relação familiar em uma luta contínua por poder. (Harries et al., 2024).

Percebem-se dois padrões coercitivos emergentes da luta de poder entre pais e filhos seguindo a teoria do poder diádico, o padrão permissivo-hostil e o mutuamente hostil. No padrão permissivo-hostil, o jovem usa a agressão para controlar os pais, que respondem retirando-se ou evitando o confronto, o que pode reforçar ainda mais o comportamento agressivo do filho. Esse padrão é problemático porque a falta de consequências para o comportamento coercitivo do jovem pode incentivar a continuidade e intensificação da VFP. (Harries et al., 2024).

No padrão mutuamente hostil, tanto os pais quanto os filhos estão envolvidos em uma luta constante por poder, onde as agressões proativas do jovem desencadeiam tentativas de controle por parte dos pais, levando a reações violentas tanto proativas quanto reativas. Esse padrão pode criar um ciclo vicioso de hostilidade, tornando difícil romper a dinâmica de violência. (Harries et al., 2024).

Nos estudos de Harries (et al., 2024) foram identificados dois tipos distintos de díades que reproduzem a VFP: díades altamente proativas e díades pouco proativas. Jovens que utilizam-se da VFP com um componente proativo significativo possuem traços de personalidade que lhes conferem poder na relação, onde o jovem exibe mais autonomia e menos monitoramento (além de maior presença de relatos de “esposificação”), enquanto seus cuidadores apresentam comportamentos que variam entre retraídos e hostis. Embora os pais nessas díades não fossem permissivos em termos tradicionais, eles relataram mais tentativas de disciplina, incluindo técnicas mais assertivas e intrusivas, mas com resultados limitados devido à resistência do jovem e à alta irritabilidade observada. Nestas díades as taxas de VFP instrumental foram significativamente maiores ainda que os outros tipos de função também aparecessem.

Por outro lado, em díades onde a VFP é predominantemente afetiva, sendo raramente proativa ou, quando na instância específica, reativa, os pais demonstraram mais controle, talvez até excessivo, sobre os jovens. O controle parental era mantido através de ações intrusivas e assertivas, mas os cuidadores ainda eram calorosos e envolvidos. Esses jovens mostravam menos autonomia e não conseguiam desafiar efetivamente o controle parental, o que resultava em menos VFP proativa. (Harries et al., 2024).

Pesquisas identificaram vários fatores de risco em crianças que cometem esse tipo de violência, incluindo violência familiar prévia, práticas parentais, estilos educacionais, negligência, punição corporal, abuso físico, uso de álcool ou substâncias, estresse, problemas de comunicação, abuso sexual, atos criminosos, problemas emocionais, exposição à violência, comportamento impulsivo, violência entre pares e uso problemático das redes sociais (Cano-Lozano et al., 2023; Gallego et al., 2019; Junco-Guerrero et al., 2023). A exposição à violência, em especial, é um importante

indicador desse tipo de violência (Ávila-Navarrete & Correa-López, 2021; Calvete, 2023; Cancino-Padilla et al., 2020; Ibabe et al., 2020; Nam et al., 2022). A exposição à violência pode ocorrer em diferentes contextos, como em casa, na rua, na escola ou pode ser observada por meios tecnológicos (Bautista-Aranda et al., 2023; Contreras et al., 2020b; Nam et al., 2022). Esse preditor parece ter uma implicação importante no comportamento violento das crianças em relação aos pais, cuidadores, parentes e não parentes.

Esse problema está se tornando cada vez mais frequente nas interações com o núcleo familiar, que historicamente tem apresentado diferentes cenários de violência, especialmente durante a adolescência. (Burgos-Benavides et al., 2024a). Em nível global, a prevalência da VFP ainda é limitada (Junco-Guerrero et al., 2023). Estima-se que a violência psicológica ocorra entre 28,8 e 91,5%, a violência física entre 2,5 e 25%, a violência econômica 60% e os comportamentos controladores 70% (Beckmann, Bergmann, Fischer, & Möble, 2021; Cano-Lozano, León, & Contreras, 2021; Margolin & Baucom, 2014).

Destaca-se que as prevalências específicas da VFP podem variar entre os estudos. Em algumas populações, isso pode representar um problema de número oculto (Fernández-González et al., 2022).

Em amostras da população geral, por exemplo, na Alemanha (Beckmann et al 2017), utilizando um critério de tolerância zero, foi encontrada uma prevalência de 5,5% para violência física e 45,3% para violência verbal. Nos Estados Unidos, as taxas de prevalência variam de 11 a 21,5% para violência física e de 56 a 75,3% para violência verbal (Margolin & Baucom, 2014; Pagani et al., 2004, 2009).

A incidência com relação ao gênero da vítima varia entre esses autores. Margolin e Baucom (2014) e Pagani (et al., 2004, 2009), em estudos norte-americanos,

relataram taxas de prevalência de violência física contra a mãe variando entre 8 a 13,8%; as taxas de prevalência contra o pai variaram de 6 a 11%; as taxas de prevalência de violência verbal contra a mãe variam de 19 a 64%, e contra o pai, de 8 a 56%; a taxa de prevalência de violência financeira contra a mãe é de 22%, enquanto a taxa de prevalência de violência física contra o pai é de 11% (Margolin & Baucom, 2014). Estudos nos Estados Unidos e na Alemanha indicam que as meninas dirigem violência verbal contra seus pais com mais frequência do que os meninos (Beckmann et al., 2017; Margolin & Baucom, 2014).

1. Na Espanha, a prevalência de violência física varia de 5 a 9%, enquanto a prevalência de violência psicológica varia de 88 a 91% (Del Hoyo-Bilbao, Gámez-Guadix, & Calvete, 2018; Ibabe & Bentler, 2016). Quando se considera a violência repetida de filhos contra pais, a prevalência de violência física é de 2% e a de violência psicológica é de 14% (Ibabe & Bentler, 2016). As taxas de prevalência de violência física contra a mãe variam de 6,4 a 19%, e contra o pai, de 5,4 a 16,6%. As taxas de violência psicológica são significativamente mais altas, variando de 90 a 92% contra a mãe e de 79 a 86,5% contra o pai (Calvete et al., 2013; Calvete & Orue, 2016). Considerando a violência de filhos contra pais repetida, as taxas de prevalência de violência física contra a mãe variam de 2 a 6%, e contra o pai, de 2 a 5%, psicológica contra a mãe variam de 7 a 27%, e contra o pai, de 6 a 22% (Calvete et al., 2013; Calvete & Orue, Rosado et al., 2017), a financeira contra a mãe é de 5,6%, enquanto contra o pai é de 4,2% (Rosado et al., 2017). Na Espanha, não foram encontradas diferenças entre meninos e meninas em relação à violência física, mas a violência psicológica tem sido mais frequentemente relatada entre as meninas.

Entrando em um estudo latino-americano, por Ilabaca e Gaete (2018) conduzido no Chile, a frequência de violência física contra o pai é maior em meninos do que em

meninas, enquanto as meninas exibem mais violência psicológica do que os meninos. Além disso, os meninos apresentam mais violência financeira contra a mãe do que as meninas. Quanto às diferenças relacionadas ao gênero das vítimas, os dados mostram que, aplicando um critério de tolerância zero, a prevalência de violência física contra a mãe é de 11,9%, contra o pai é de 5,8%; a prevalência de violência psicológica contra a mãe é de 41,7%, contra o pai é de 24%; e a prevalência de violência financeira contra a mãe é de 18,4%, contra o pai é de 12,4%. Quando considerada a violência de filhos contra pais repetida, os dados revelam as seguintes taxas de prevalência: 0,2% de violência física contra a mãe e 6,5% contra o pai; 14,1% de violência psicológica contra a mãe e 11,4% contra o pai; 10,6% de violência financeira contra a mãe e 12,6% contra o pai.

Estudos mais recentes conduzidos no Equador (Burgos-Benavides et al., 2024b) obtiveram dados de que a violência psicológica registrou frequência de 41,3 a 47,9% dos adolescentes praticando esse comportamento pelo menos uma vez, e 19,6 a 25,2% repetida. A violência física foi relatada por 5,1 a 6,8% dos adolescentes, com 2 a 2,3% repetida. A violência financeira foi prevalente em 37,9 a 42,8%, com 16,9 a 17,5% repetida. Comportamentos de controle/domínio foram relatados por 53 a 62,8% dos adolescentes, sendo mais frequentes em meninas do que em meninos. Os meninos pontuaram mais alto em razões instrumentais, enquanto as meninas pontuaram mais alto em razões reativas.

Estudos ainda mais contemporâneos conduzidos na Colômbia (Burgos-Benavides et al., 2025) indicaram que a violência psicológica apresentou frequência entre 24,8 e 37,2% dos adolescentes cometendo esse tipo de agressão contra os pais pelo menos uma vez, enquanto comportamentos de controle/domínio foram ainda mais prevalentes, variando de 45 a 54,6%. A violência física apareceu como a

menos comum, sendo relatada entre 3,1 e 5,3% dos participantes, e as médias para violência financeira foram abaixo de 1%. Os meninos demonstraram maior propensão a agir por razões instrumentais, ao passo que as meninas relataram mais motivos reativos ao praticar violência contra os pais.

Apesar das contribuições relevantes para a compreensão desse complexo problema, a violência de filhos contra pais ainda é considerada a forma menos estudada de violência em comparação a outros tipos de violência doméstica, como a violência entre parceiros íntimos, o abuso infantil e a violência de gênero. Isso não muda o fato de que, assim como outras formas de violência doméstica, a violência de filhos contra pais representa um problema legal, social e de saúde pública em muitos países (Burgos-Benavides et al., 2024a; Navas-Martínez et al., 2025)

A maioria dos estudos sobre o tema foram realizados no ocidente e países de língua anglo-saxônica, principalmente na Espanha, nos Estados Unidos e no Reino Unido (Ibabe & Bentler, 2016; Margolin & Baucom, 2014). No entanto, nos últimos anos, essa forma de violência tem se tornado reconhecida internacionalmente. Porém, como foi concluído pela revisão bibliográfica de Burgos-Benavides et al. (2024a) ainda não há um termo indexado para a violência de filhos contra pais, e os critérios de avaliação, assim como os instrumentos utilizados, seguem diferentes diretrizes. Por isso, este trabalho toma por objetivo, também, o estabelecimento de parâmetros de acordo com pesquisas internacionais para tornar o tema conhecido no Brasil e possuir compatibilidade fatorial com estudos internacionais. Este projeto tem sido produzido em parceria com outros pesquisadores ao redor do mundo para o mapeamento e divulgação global da VFP.

Funções da violência

As crianças e adolescentes podem ter diferentes razões ou motivações para se envolverem em violências direcionadas aos cuidadores: (a) reativa, quando ocorre em resposta a invasões percebidas ou reais feitas pelos pais. Comumente motivada por uma sensação de retaliação ou defesa contra a ameaça intuída (Harries et al., 2024); (b) afetiva - resposta comportamental deslocada, originada do medo ou frustração interna, não sendo necessariamente uma resposta direta à uma ação dos pais, mas sim uma manifestação de emoções negativas acumuladas, como frustração, ansiedade ou raiva elevadas. É uma forma de agressão que surge como uma válvula de escape para emoções internas ou como sinalizador aos pais para um pedido de socorro e/ou atenção diante de uma situação de negligência (Harries et al., 2024); (c) proativa/instrumental, caracterizada por ser dominadora, planejada e instrumental, ou seja, não surge em resposta imediata a uma provocação, mas é calculada e utilizada como uma ferramenta para alcançar domínio ou autonomia dentro da relação familiar, uma forma de agressão deliberada, usada para alcançar um objetivo específico, como controlar ou manipular os pais (Harries et al., 2023, 2024); (d) relações intersociais externas na ausência ou precariedade de habilidades socioemocionais (Ibabe, 2020); e (e) controle coercitivo situacional, uma resposta maladaptativa diante de situações estressoras no lar, família (Ibabe, 2020).

De acordo com Harries et al (2024), a teoria do poder diádico é fundamental para entender a VFP. A premissa dessa teoria é a de que as dinâmicas de poder são inerentes a todas as relações. A percepção de poder de um indivíduo determina sua propensão a tentar controlar o comportamento do outro. Essas tentativas de controle se tornam mais frequentes quando ambos os indivíduos possuem um nível de poder relativamente igual dentro da relação (Harries et al., 2024). Assim, dentro da dinâmica

familiar, os filhos podem sentir a necessidade de lutar pelo controle contra seus pais, especialmente quando percebem que possuem poder suficiente para desafiar a autoridade parental. Esse poder percebido pode ser influenciado por uma série de fatores, incluindo traços de personalidade (e.g. insensibilidade emocional (*callous-unemotional traits*) e narcisismo), que são frequentemente associados à VFP proativa. (Harries et al., 2024).

Outro aspecto importante a ser considerado é a dissolução dos limites tradicionais entre pais e filhos, que pode levar a uma inversão de papéis na dinâmica familiar. Quando os pais não conseguem manter uma clara distinção entre os papéis de cuidador e criança, isso pode desestabilizar a relação e criar um ambiente onde a VFP tem uma probabilidade maior de ocorrer. Em alguns casos, o jovem pode ser tratado como um parceiro pelo cuidador, o que confere ao filho um poder desproporcional dentro da família resultando em um apego desorganizado, onde o pai ou a mãe podem parecer tanto assustados quanto assustadores para o jovem. Essa ambiguidade e imprevisibilidade podem motivar o jovem a tentar controlar a situação por meio de violência, transformando a relação familiar em uma luta contínua por poder. (Harries et al., 2024).

Identificou-se dois padrões coercitivos emergentes da luta de poder entre pais e filhos seguindo a teoria do poder diádico, o padrão permissivo-hostil e o mutuamente hostil. No padrão permissivo-hostil, o jovem usa a agressão para controlar os pais, que respondem retirando-se ou evitando o confronto, o que pode reforçar ainda mais o comportamento agressivo do filho. Esse padrão é problemático porque a falta de consequências para o comportamento coercitivo do jovem pode incentivar a continuidade e intensificação da VFP. (Harries et al., 2024).

No padrão mutuamente hostil, tanto os pais quanto os filhos estão envolvidos em uma luta constante por poder, onde as agressões proativas do jovem desencadeiam tentativas de controle por parte dos pais, levando a reações violentas tanto proativas quanto reativas. Esse padrão pode criar um ciclo vicioso de hostilidade, tornando difícil romper a dinâmica de violência. (Harries et al., 2024).

Nos estudos de Harries (et al., 2024) foram identificados dois tipos distintos de díades que reproduzem a VFP: díades altamente proativas e díades pouco proativas. Jovens que utilizam-se da VFP com um componente proativo significativo possuem traços de personalidade que lhes conferem poder na relação, onde o jovem exibe mais autonomia e menos monitoramento (além de maior presença de relatos de “esposificação”), enquanto seus cuidadores apresentam comportamentos que variam entre retraídos e hostis. Embora os pais nessas díades não fossem permissivos em termos tradicionais, eles relataram mais tentativas de disciplina, incluindo técnicas mais assertivas e intrusivas, mas com resultados limitados devido à resistência do jovem e à alta irritabilidade observada. Nestas díades as taxas de VFP instrumental foram significativamente maiores ainda que os outros tipos de função também aparecessem.

Por outro lado, em díades onde a VFP é predominantemente afetiva, sendo raramente proativa ou, quando na instância específica, reativa, Os pais demonstraram mais controle, talvez até excessivo, sobre os jovens. O controle parental era mantido através de ações intrusivas e assertivas, mas os cuidadores ainda eram calorosos e envolvidos. Esses jovens mostravam menos autonomia e não conseguiam desafiar efetivamente o controle parental, o que resultava em menos VFP proativa. (Harries et al., 2024).

Fatores de Risco

Pesquisas identificaram vários fatores de risco em crianças que cometem esse tipo de violência, incluindo violência familiar prévia, práticas parentais, estilos educacionais, negligência, punição corporal, abuso físico, uso de álcool ou substâncias, estresse, problemas de comunicação, abuso sexual, atos criminosos, problemas emocionais, exposição à violência, comportamento impulsivo, violência entre pares e uso problemático das redes sociais. (Cano-Lozano et al., 2023; Gallego et al., 2019; Junco-Guerrero et al., 2023). A exposição à violência, em especial, é um importante indicador desse tipo de violência (Ávila-Navarrete & Correa-López, 2021; Calvete, 2023; Cancino-Padilla et al., 2020; Ibabe et al., 2020; Nam et al., 2022). A exposição à violência pode ocorrer em diferentes contextos, como em casa, na rua, na escola ou pode ser observada por meios tecnológicos (Bautista-Aranda et al., 2023; Contreras et al., 2020b; Nam et al., 2022). Esse preditor parece ter uma implicação importante no comportamento violento das crianças em relação aos pais, cuidadores, parentes e não parentes.

A violência entre pares é um dos tipos de violência juvenil menos estudados (Dedios Sanguineti et al., 2023). A violência entre pares envolve abuso físico e verbal cometido com o objetivo de prejudicar outra pessoa (An et al., 2024; Dedios Sanguineti et al., 2023). A definição mais comumente usada de violência entre colegas é que se trata de um fenômeno de violência intencional e repetida em que há um desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor (*bullying*). Esse tipo de violência ocorre com mais frequência em ambientes escolares. Pesquisas têm indicado uma relação entre esse fenômeno e a violência filho-parental (Carrascosa et al., 2018; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022b, 2023a). Pais que foram vítimas de violência entre pais e filhos também relatam que seus filhos foram vítimas de violência entre colegas

(Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2023a). Assim como as crianças que relatam ter cometido violência filho-parental, elas também teriam sofrido exposição à violência (Gallego et al., 2019). Apesar dessas descobertas, as pesquisas que se concentram nesses três tipos de variáveis não elucidaram o papel que cada variável desempenharia no desenvolvimento da violência.

Pesquisas recentes (e.g. An et al., 2024; Dedios Sanguineti et al., 2023; Junco-Guerrero et al., 2022, 2023) sugerem que crianças que apresentaram comportamento violento frequente com seus colegas tinham menores índices de habilidades emocionais, característica compartilhada com as crianças que cometem violência entre pais e filhos.

Assim, considera-se que a exposição à violência e a violência entre colegas são preditores da violência entre pais e filhos. Além disso, há variáveis que podem atuar como mediadoras. Por exemplo, há pesquisas que investigaram o papel dos estilos educacionais, dos tipos de afeto, do processamento de informações sociais, da empatia, da justificativa da violência, da impulsividade no comportamento violento observado nas crianças e no uso de drogas (Cano-Lozano et al., 2021; Contreras et al., 2020b; Navas-Martinez et al., 2023; Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2022a, 2023b; Rogers & Ashworth, 2024). Em outras pesquisas (Cano-Lozano et al., 2023; Rubio-Garay et al., 2019) descobriu-se que esses mecanismos desempenham um papel importante na canalização da agressão, do comportamento antissocial e da delinquência em crianças e adolescentes, bem como no cyberbullying e na violência entre pais e filhos.

As futuras pesquisas que visam abordar o estudo dessas variáveis elucidarão dados relevantes para a intervenção e a prevenção desses tipos de violência familiar (An et al., 2024; Dedios Sanguineti et al., 2023; Toole-Anstey et al., 2023b). Essas descobertas podem beneficiar profissionais que trabalham com famílias e profissionais

da área jurídica. Também permitirão compreender a implicação dessas variáveis para futuras abordagens de prevenção e tratamento baseadas em evidências, tornando visível um problema oculto para muitas vítimas. Também há uma implicação preventiva voltada para a elucidação do papel da exposição à violência para os perpetradores da violência entre pais e filhos e da violência entre colegas.

Pais vítimas desse tipo de violência são afetados em sua autoridade, autoestima e saúde mental, além do aumento de sentimentos de medo, culpa e impotência (Jiménez-Granado et al., 2023). Há indicadores que relacionam a conduta violenta desses adolescentes à comportamentos antissociais, uso problemático de substâncias e dificuldades emocionais, como depressão e ideação suicida (Arias-Rivera et al., 2025).

A presente pesquisa se justifica diante das consequências da violência filho-parental para toda a família. Diante do impacto familiar e psicológico desse fenômeno, é essencial aprofundar o conhecimento sobre seus fatores de risco, visando à prevenção e ao desenvolvimento de estratégias de intervenção.

OBJETIVOS

Analisar a relação entre a violência filho-parental e outras manifestações de violência juvenil em uma população de estudantes brasileiros de ensino fundamental II e médio.

Objetivos específicos

1. Comparar os índices de violência filho-parental entre os gêneros.
2. Analisar a prevalência de funções da violência filho-parental entre ambos os gêneros.
3. Analisar a relação entre o gênero da vítima e agressor.

HIPÓTESES

H1: Os mecanismos de informação social serão significativamente associados à violência psicológica, física, econômica e de controle de dominância dos filhos contra os pais (Cano-Lozano et al., 2021; Contreras et al., 2020a)

H2: Os motivos reativos e instrumentais mostrarão diferenças significativas na violência entre pais e filhos segundo o gênero dos filhos e dos pais (Harries et al., 2023, 2024).

MÉTODO

Esta pesquisa teve uma abordagem quantitativa e um desenho de corte transversal.

Participantes

Participaram estudantes de ensino fundamental II e ensino médio de uma escola particular de uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo que moravam com um ou ambos os genitores. No total, 104 estudantes responderam aos instrumentos, sendo que 10 participantes foram excluídos por terem deixado partes dos instrumentos sem preencher. A amostra final foi composta por 94 adolescentes com idades entre 14 e 18 anos ($M=15,5$; $DP = 0,99$). A maioria se identificou como do gênero feminino (56,4%) e branca (58,2%), sendo que 40,6% se declararam negros (32,5% pardos, 8,1% pretos) e 1,2% amarelos.

Da amostra, apenas um participante declarou ser adotado. A maioria dos pais era casado ou em união estável (85,4%), sendo que dois estudantes indicaram que os pais nunca tinham vivido juntos e um que o pai ou a mãe era viúvo(a). Dentre aqueles em que os pais estavam divorciado ou separado (18,9%; $N=18$), a maior parcela tinha guarda compartilhada (44,4%; $N=8$), seguido de guarda exclusiva da mãe (38,9%; $N=7$)

e um tinha guarda exclusiva do pai 5,6%. A maioria dos pais e das mães tinham alta escolaridade: ensino médio completo ou curso técnico (pais - 61,5%, N=56; mães - 53,8%, N=49); ensino superior completo (pais - 23,1%, N=21; mães -22%, N=20); pós graduação completa (pais - 8,4%, N=8; mães - 16,5%, N=15). A renda mensal familiar da maioria dos participantes (66,7%; N=60) era superior a R\$3000; 18,9% (N=17) entre R\$2000 a R\$3000 e 14,4% (N=13) entre R\$1000 a R\$2000.

Instrumentos

1. Questionário sociodemográfico contendo informações relativas a sexo, idade, nacionalidade, composição familiar, nível socioeconômico, nível educacional, equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, uso de drogas e existência de problemas psicológicos e/ou tratamento psicológico.

2. Questionário Violência Filho-Parental (do original em inglês *Child-to-parent violence questionnaire*), versão para adolescentes (Contreras et al., 2019) traduzido e em processo de adaptação para o português. O questionário avalia a frequência de comportamentos que constituem a VFP no último ano. Composto por 15 frases que descrevem comportamentos com que os filhos ou filhas podem se referir aos seus pais ou mães em determinados momentos (e.g. *Cheguei a dizer “Te odeio!” ou “Quero que você morra!” para o meu pai ou para a minha mãe*). O respondente deve ler e indicar a frequência que ele realizou cada um dos seguintes comportamentos tanto em relação ao pai quanto em relação a mãe em uma escala likert que varia de 0 = Nunca, 1 = Raramente (Aconteceu alguma vez), 2 = Algumas vezes (2-3 vezes), 3 = Bastante vezes (4-5 vezes) e 4 = Continuamente (6 vezes ou mais). Para avaliar a confiabilidade dos itens da escala foram calculados o coeficiente ômega de McDonald e o Alfa de Cronbach (α). O coeficiente ômega de McDonald na amostra analisada foi de 0,774 (pai) e 0,776 (mãe). Este valor indica um bom nível de consistência interna, sugerindo

que os itens do instrumento medem o construto de forma confiável e consistente. A análise de confiabilidade revelou um Alfa de Cronbach (α) de 0,72 (pai) e 0,73 (mãe), indicando uma moderada consistência interna e confiabilidade dos itens.

Os itens da escala posteriormente são agrupados em quatro subescalas tanto para a mãe quanto para o pai:

(1) VFP psicológica (1. Cheguei a dizer “Te odeio!” ou “Quero que você morra!” para o meu pai ou para a minha mãe; 2. Insultei os meus Pais; 3. Fiz comentários negativos, ofensivos e/ou degradantes aos meus Pais; 4. Ameacei meus pais (de machucá-los ou me machucar, de ir embora de casa)) com valores de Alfa de Cronbach (α) de 0,63 (pai) e 0,74 (mãe), indicando uma moderada consistência interna e confiabilidade dos itens;

(2) VFP física (8. Joguei coisas nos meu pais; 11. Bati nos meus pais com um objeto que podia machucá-los; 12. Dei um chute, um tapa ou um soco nos meus pais), com valores de Alfa de Cronbach (α) de -0,027 (pai) e -0,031 (mãe), indicando um problema na consistência interna da subescala devido a correlações negativas do item 8 (Joguei coisas nos meu pais) que se correlacionou negativamente com a subescala;

(3) VFP econômica (6. Eu exigi que meus pais comprassem coisas para mim mesmo sabendo que eles não tinham dinheiro; 7. Fiz dívidas que meus pais tiveram que pagar; e 13. Roubei o dinheiro dos meus pais), com valores de Alfa de Cronbach (α) de 0,393 (pai) e 0,128 (mãe), indicando uma baixa consistência interna e confiabilidade dos itens;

(4) VFP de controle/dominância (5. Em casa, a gente só assiste o que eu quero na TV ou faz as programações que eu quero; 9. Quando discuto com meus pais, eu dou a última palavra; 14. Exigi que os meus pais fizessem só o que eu queria em casa; 15. Exigi que meus pais deixassem seus afazeres para me dar atenção), com valores de Alfa de Cronbach (α) de 0,38 (pai) e 0,44 (mãe), indicando uma baixa consistência interna e confiabilidade dos itens.

A segunda parte do questionário inclui 8 itens que relatam os motivos dos adolescentes para se envolverem em comportamentos de VFP e deveria ser respondida em uma escala likert que variava de 0 = Nunca; 1 = Algumas vezes; 2 = Quase sempre e 3 = Sempre. Para avaliar a confiabilidade dos itens da escala foram calculados o coeficiente ômega de McDonald e o Alfa de Cronbach (α). O coeficiente ômega de McDonald na amostra analisada foi de 0,710 (pai) e 0,656 (mãe). Este valor indica um nível de consistência interna moderado. A análise de confiabilidade revelou um Alfa de Cronbach (α) de 0,708 (pai) e 0,660 (mãe), indicando uma moderada consistência interna e confiabilidade dos itens.

Os itens eram posteriormente divididos em duas subescalas: (a) instrumental (Por querer chegar mais tarde; Para que seu Pai/Mãe te desse mais dinheiro; para que seu Pai/Mãe comprasse algo que você queria; para não ter que fazer suas tarefas de casa; para não ter que ir para aula) com valores de Alfa de Cronbach (α) de 0,665 (pai) e 0,676 (mãe), indicando uma moderada consistência interna e confiabilidade dos itens; e (b) reativo (por tua própria personalidade; em resposta a uma agressão física cometida pelo seu Pai/Mãe (Ex: um tapa, um soco, um empurrão...); em resposta a uma agressão verbal cometida pelo seu Pai/Mãe (Ex.: insulto)) com valores de Alfa de Cronbach (α) de 0,803 (pai) e 0,690 (mãe), indicando uma moderada consistência interna e confiabilidade dos itens na escala da mãe e uma alta consistência interna e confiabilidade dos itens na escala do pai.

Procedimento

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (CAAE 73353223.8.0000.5504). Após a aprovação da pesquisa foi firmada parceria com uma escola do Sistema SESI de uma cidade de médio porte do estado de São Paulo. Após a aprovação da pesquisa foi realizada parceria com a escola

para o recrutamento dos participantes. Inicialmente foi enviado um vídeo de divulgação da pesquisa aos responsáveis dos estudantes, apresentando o tema, os objetivos e a forma de participação dos estudantes. Posteriormente foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para todos os responsáveis dos estudantes do nono ano do ensino fundamental e das primeira, segunda e terceira séries do ensino médio (N=420). Com o retorno dos termos preenchidos pelos responsáveis (N=113), foi agendado um dia/horário com a coordenação pedagógica para realização da coleta com os estudantes. A coleta ocorreu em grupo, em uma sala de aula disponibilizada pela instituição durante o período de aula dos estudantes pelo primeiro autor e por um pesquisador vinculado ao mesmo laboratório de pesquisa, com experiência em intervenção psicológica individual e em grupo. Assim que chegavam à sala, os pesquisadores entregavam o Termo de Assentimento (TALE) e liam com os estudantes, tirando dúvidas em relação ao termo. Após a assinatura e anuência dos participantes, era entregue os instrumentos da pesquisa descritos anteriormente. Durante a aplicação dos instrumentos foi utilizada a técnica de passagens guiadas, que consiste em explicar as instruções de cada questionário. Ao final da participação, os participantes foram agradecidos.

Análise de dados

Os dados foram tabulados e posteriormente analisados a partir do software estatístico JASP versão 0.19.3.0. Para identificar a confiabilidade das escalas utilizadas no presente estudo, foi calculado o Alfa de Cronbach (α) e o Ômega de McDonald (ω), que medem a consistência interna da escala. A frequência, média, desvio padrão, valores mínimos e máximos de todos dados sociodemográficos e os escores de todas as subescalas Questionário de Violência Filho-Parental foram analisados. Para responder ao objetivo de analisar a relação entre o gênero da vítima e agressor, as subescalas

foram analisadas considerando a frequência de VFP e das motivações em relação à mãe e ao pai. Para responder o objetivo analisar a prevalência de funções da violência filho-parental entre ambos os gêneros, os escores das subescalas foram analisadas dividindo os grupos entre gênero feminino (N=51) e masculino (N=35). Para responder ao objetivo relativo a comparar os índices de violência filho-parental, inicialmente foi calculado o teste de normalidade de Shapiro-Wilk. Verificou-se valores de $p < 0,001$, indicando que a distribuição dos dados não seguem uma distribuição normal. Em seguida, foi analisado o teste de comparação de médias de Mann-Whitney quanto aos tipos de VFP e as motivações.

RESULTADOS

Os dados obtidos revelaram que a violência psicológica foi o tipo mais prevalente de violência filho-parental (VFP), tanto contra o pai quanto contra a mãe. Em relação ao pai, 37,9% dos adolescentes relataram comportamentos de violência psicológica, seguidos por 17,9% de domínio/controle, 9,5% de violência financeira e 3,2% de violência física. Já em relação à mãe, a violência psicológica foi relatada por 29,5% dos participantes, seguida por 21,1% de domínio/controle, 9,5% de violência financeira e apenas 1,1% de violência física.

Quanto às funções da violência filho-parental, observou-se que os comportamentos de natureza instrumental foram mais frequentes do que os de natureza reativa, tanto nas agressões dirigidas ao pai quanto à mãe. No caso dos pais, 53,7% dos adolescentes indicaram motivações instrumentais (como controle ou obtenção de algo desejado), enquanto 45,3% relataram motivações reativas (como respostas a frustrações ou conflitos). Em relação às mães, os índices foram ainda mais altos para a motivação instrumental (60%), com 50,5% indicando motivação reativa.

A Tabela 1 apresenta os dados relativos aos tipos de VFP direcionada ao pai e a mãe de acordo com o gênero dos participantes e a comparação entre os gêneros masculino e feminino.

Tabela 1

Frequência dos tipos de violência filho-parental por gênero do(a) adolescente

Tipo de violência	Estudantes do gênero feminino			Estudantes do gênero masculino			U	p	
	N	M	DP	N	M	DP			
Pai	Psicológica	54	0.463	0.503	41	0.268	0.449	1.322.500	0.055
	Domínio/control	54	0.185	0.392	41	0.171	0.381	1.123.000	0.861
	Financeira	54	0.148	0.359	41	0.024	0.156	1.244.000	0.043
	Física	54	0.037	0.191	41	0.024	0.156	1.121.000	0.738
Mãe	Psicológica	54	0.389	0.492	41	0.171	0.381	1.348.500	0.022
	Domínio/control	54	0.222	0.420	41	0.195	0.401	1.137.000	0.754
	Financeira	54	0.111	0.317	41	0.073	0.264	1.149.000	0.539
	Física	54	0.000	0.000	41	0.024	0.156		

Os dados da Tabela 1 indicaram diferenças estatisticamente significativa entre os estudantes do gênero feminino e masculino em relação a VFP psicológica ($p=0,005$) e financeira ($p=0,043$) direcionadas ao pai e VFP psicológica ($p=0,022$) direcionada a mãe, com as meninas apresentando médias maiores do que os menino.

A Tabela 2 apresenta os dados relativos aos motivos pelos quais a VFP ocorreu, de acordo com os participantes.

Tabela 2**Frequência dos motivos da violência filho-parental por gênero do(a) adolescente**

Tipo de violência	Estudantes do gênero feminino			Estudantes do gênero masculino			U	p
	N	M	DP	N	M	DP		
Instrumental	54	0.556	0.502	41	0.512	0.506	1.155.000	0.679
Pai Reativa	54	0.556	0.502	41	0.317	0.471	1.371.000	0.022
Instrumental	54	0.611	0.492	41	0.585	0.499	1.135.500	0.804
Mãe Reativa	54	0.630	0.487	41	0.341	0.480	1.426.000	0.006

A análise dos motivos da violência filho-parental por gênero dos adolescentes indicou diferenças estatisticamente significativas apenas em relação a VFP reativa, com as meninas apresentando médias maiores do que os meninos tanto em relação às mães quanto aos pais.

DISCUSSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a relação entre a violência filho-parental e outras manifestações de violência juvenil em uma população de ensino fundamental II e médio. Para tanto, buscou-se: (a) analisar a relação entre o gênero da vítima e autor de violência; (b) analisar a prevalência de funções da violência filho-parental entre ambos os gêneros; e (c) comparar os índices de violência filho-parental entre estudantes do gênero feminino e masculino.

Os dados obtidos indicaram que a violência psicológica foi o tipo mais prevalente de VFP, tanto contra o pai quanto contra a mãe, com a função de natureza instrumental mais frequente do que os de natureza reativa. A frequência de VFP psicológica (37,9% contra o pai e 29,5% contra a mãe) estão dentro da faixa global verificada (28,8% a 91,5%) (Beckmann, Bergmann, Fischer, & Möble, 2021;

Cano-Lozano, León, & Contreras, 2021; Margolin & Baucom, 2014), e próximas à média de países sul-americanos, como o Chile (41,7% para mães; 24% para pais) (Ilabaca e Gaete, 2018), o Equador (41,3% a 47,9%) (Burgos-Benavides et al., 2024b), e a Colômbia (24,80% a 37,20%) (Burgos-Benavides et al., 2025).

Quanto à violência física, os dados desta pesquisa indicam baixa ocorrência (3,2% contra o pai e 1,1% contra a mãe), compatível com os níveis mais baixos encontrados globalmente (2,5% a 25%) (Beckmann, Bergmann, Fischer, & Möble, 2021; Cano-Lozano, León, & Contreras, 2021; Margolin & Baucom, 2014) e também coerente com o padrão do Chile, do Equador, e da Colômbia onde as taxas são inferiores a 12% (Ilabaca e Gaete, 2018; Burgos-Benavides et al., 2024b; Burgos-Benavides et al., 2025).

Esse padrão pode ser explicado pelo fato de que a violência psicológica exige menor risco físico para o agressor e frequentemente é eficaz para atingir objetivos imediatos, como desestabilizar emocionalmente os cuidadores ou obter vantagens. Além disso, a agressão física contra os pais envolve maior risco de punição, repreensão social e até consequências legais, o que tende a inibi-la, especialmente em contextos de autoridade, enquanto a violência física tende a ocorrer em casos extremos de escalada de conflito ou em famílias com histórico de violência intergeracional (Calvete, 2023).

A violência financeira, por sua vez, apresentou índices moderados (9,5% para ambos os cuidadores), próximos aos dados do Chile (18,4% e 12,4%) e dos EUA (22% e 11%) (Ilabaca e Gaete, 2018; Margolin & Baucom, 2014), indicando que essa forma de violência está presente, mas com menor frequência. Já os comportamentos de domínio/controlado foram reportados por 17,9% dos participantes em relação ao pai e 21,1% em relação à mãe, valores abaixo da média global (70%) (Beckmann, Bergmann, Fischer, & Möble, 2021; Cano-Lozano, León, & Contreras, 2021; Margolin & Baucom,

2014) e também inferiores aos encontrados no Equador (53 a 62,8%) e Colômbia (45 a 54.60%) (Burgos-Benavides et al., 2024b; Burgos-Benavides et al., 2025). Esses dados sugerem que, os níveis de VFP na amostra brasileira se alinham aos padrões esperados em países com características culturais semelhantes, especialmente dentro do contexto sul-americano. No entanto, é importante considerar que diferenças metodológicas entre os estudos internacionais, especialmente em relação aos instrumentos utilizados, amostragem e critérios de corte, podem dificultar comparações diretas.

Ao considerar o gênero das vítimas (pai/mãe), verificou-se que, em geral, os comportamentos de VFP foram mais frequentes contra o pai nas dimensões psicológica e física, enquanto os atos de controle foram mais prevalentes contra a mãe. Esses resultados podem ser compreendidos à luz das dinâmicas relacionais descritas na literatura (Cano-Lozano et al., 2023; Gallego et al., 2019; Junco-Guerrero et al., 2023).

Díades do tipo mutuamente hostil, marcadas por ciclos de agressão e confronto, tendem a favorecer comportamentos mais diretos e reativos contra figuras percebidas como mais autoritárias, o que pode explicar as maiores médias de violência psicológica e física contra os pais homens. Já as díades permissivo-hostis, nas quais os cuidadores evitam o confronto, podem propiciar maior ocorrência de comportamentos de domínio e controle contra as mães, uma vez que os adolescentes percebem espaço para testar limites e exercer poder.

Ao comparar a frequência de VFP em relação ao gênero dos autores de violência, verificou-se diferenças estatisticamente significativas em relação a VFP psicológica em relação ao pai e mãe, e VFP financeira em relação ao pai, com as meninas apresentando médias maiores do que os meninos. Pesquisas anteriores indicam que meninas tendem a passar mais tempo em casa do que os meninos, seja por normas

sociais mais restritivas ou por menor autonomia concedida pelos cuidadores, o que aumenta as oportunidades de conflito e confronto com os pais (Calvete, 2023; Pagani et al., 2004, 2009). No caso da violência financeira, a literatura sugere que meninas podem recorrer a esse tipo de comportamento como forma de negociação ou coerção para atender a necessidades sociais ou afetivas percebidas, o que pode estar relacionado a padrões de consumo influenciados pelo gênero e pela pressão social para adequação estética e de estilo (Ibabe et al., 2020). Diferente dos meninos, que tendem a expressar agressividade de forma mais física ou direta, meninas são mais propensas a utilizar estratégias relacionais, verbais ou instrumentais, o que pode explicar a predominância de violência psicológica e financeira na amostra feminina (Beckmann, 2020).

Quanto aos motivos da VFP, verificou-se diferenças estatisticamente significativas entre o gênero dos autores em relação a motivação reativa, com as meninas apresentando médias maiores do que os meninos tanto na VFP perpetrada contra o pai quanto contra a mãe. Estilos parentais mais coercivos podem contribuir com os resultados, uma vez que meninas frequentemente são alvo de maior vigilância e cobrança de comportamentos normativos, o que pode favorecer respostas emocionais mais reativas, especialmente em contextos de comunicação conflituosa (Navas-Martínez & Cano-Lozano, 2023b).

É importante ressaltar que como instrumentos de autorrelato, estão sujeitos a vieses dos participantes, colocando a si mesmos com valores mais positivos, e talvez os pais como negativos, numa tentativa subconsciente de tornar o próprio comportamento mais tolerável. É possível que os participantes que tenham desistido da pesquisa ou aqueles que não foram autorizados pelos pais sejam justamente aqueles que podem estar passando por tais situações de violência, tornando limitado o alcance da pesquisa e sua precisão.

Além das limitações relacionadas ao uso de instrumentos de autorrelato e à possível autosseleção dos participantes, os resultados encontrados também precisam ser interpretados à luz dos dados internacionais sobre a violência filho-parental. Em relação à violência psicológica,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre a violência filho-parental e outras manifestações de violência juvenil, com foco na prevalência e função da VFP segundo o gênero dos adolescentes e de seus cuidadores. Os resultados indicaram maior incidência de violência psicológica e comportamentos de controle/dominância, sendo as meninas as que mais relataram comportamentos violentos, especialmente com motivações reativas e direcionados às mães. Essas evidências sugerem que há fatores relacionais e emocionais específicos envolvidos nas díades familiares, que podem contribuir para padrões distintos de violência segundo o gênero.

Apesar das contribuições, esta pesquisa apresenta limitações importantes. A amostra foi restrita a estudantes de uma única escola particular, limitando a generalização dos resultados. Além disso, o uso de autorrelato pode ter influenciado os dados, considerando a possibilidade de viés de desejabilidade social. Também não foram contempladas variáveis cruciais já identificadas na literatura, como exposição prévia à violência, estilos parentais, afetividade familiar e influência dos pares.

Diante disso, propõem-se como lacunas e direções para pesquisas futuras:

- Investigar a relação entre a **exposição à violência doméstica, escolar e comunitária** e os comportamentos de VFP, considerando o impacto da vitimização direta e indireta.

- Analisar a associação entre a **violência entre pares** e a ocorrência de VFP, ampliando a compreensão do contexto relacional do agressor.
- Explorar o papel dos **mecanismos de informação social** na mediação da violência psicológica, física, econômica e de controle/domínio.
- Avaliar como os **estilos parentais**, o afeto familiar e a presença de limites claros se relacionam com o surgimento da VFP.
- Examinar as **diferenças nas motivações reativas e instrumentais** da VFP segundo o gênero do agressor e da vítima.
- Realizar estudos longitudinais ou com abordagem qualitativa, que permitam compreender melhor a dinâmica familiar e os processos de justificação da violência.

Portanto, reforça-se a importância de considerar a VFP como um fenômeno complexo, com múltiplos determinantes contextuais, emocionais e relacionais. A produção de conhecimento empírico sobre o tema pode subsidiar intervenções preventivas mais sensíveis ao perfil das famílias e adolescentes envolvidos, contribuindo para a construção de vínculos mais saudáveis e para o enfrentamento da violência intrafamiliar.

REFERÊNCIAS

- An, S., Welch-Brewer, C., & Tadese, H. (2024). Scoping Review of Intimate Partner Violence Prevention Programs for Undergraduate College Students. *Trauma, Violence, & Abuse*. <https://doi.org/10.1177/15248380241237201>
- Arias-Rivera S, Lorence B and Maya J (2025) “I lock myself in my room and cry in frustration”: an analysis of adolescent behaviors of child-to-parent violence. *Frontiers Psychiatry* 16:1524413. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2025.1524413>
- Ávila-Navarrete, V. C., & Correa-López, R. A. (2021). Child-to-parent violence. Factors that increase the risk of exposure and criminal liability. *Juridicas CUC*, 17(1), 405–426. <https://doi.org/10.17981/juridcuc.17.1.2021.14>
- Bautista-Aranda, N., Contreras, L., & Cano-Lozano, M. C. (2023). Exposure to Violence during Childhood and Child-to-Parent Violence: The Mediating Role of Moral Disengagement. *Healthcare*, 11(10). <https://doi.org/10.3390/healthcare11101402>
- Beckmann, L., Bergmann, M. C., Fischer, F., & Möble, T. (2017). Risk and protective factors of child-to-parent violence: A comparison between physical and verbal aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–26. <https://doi.org/10.1177/0886260517746129>
- Beckmann, L. (2020). Exposure to Family Violence and Adolescent Aggression in Multiple Social Contexts: Classroom Social Resources as Moderators. *Journal of family violence*, 35(5), 471–484. <https://doi.org/10.1007/s10896-019-00102-x>
- Beckmann, L., Bergmann, M. C., Fischer, F., & Mossle, T. (2021). Risk and Protective Factors of Child-to-Parent Violence: A Comparison Between Physical and Verbal Aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3–4), 1309–NP1334. <https://doi.org/10.1177/0886260517746129>
- Boxall, H., & Sabol, B. (2021). Adolescent Family Violence: Findings from a Group-Based Analysis. *Journal of Family Violence*, 36(7), 787–797. <https://doi.org/10.1007/s10896-021-00247-8>
- Burgos-Benavides, L., Cano-Lozano, M. C., Ramirez, A., & Rodriguez-Diaz, F. J. (2023). Instruments of Child-to-Parent Violence: Systematic Review and Meta-Analysis. *Healthcare*, 11(24). <https://doi.org/10.3390/healthcare11243192>
- Burgos-Benavides, L., Cano-Lozano, M. C., Contreras, L., Ramírez, A., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2024a). To what extent is child-to-parent violence known to occur in Latin America? A systematic review and meta-analysis. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 2.

- Burgos-Benavides, L., Cano-Lozano, M. C., Ramírez, A., P. León, S., Medina-Maldonado, V. & Rodríguez-Díaz, F. J. (2024b). Assessment of Adolescents in Child-to-Parent Violence: Invariance, Prevalence, and Reasons. *Children*, 11, 845. [10.3390/children11070845](https://doi.org/10.3390/children11070845)
- Burgos-Benavides, L., Cano-Lozano, M.C., Ramírez, A. & Rodríguez-Díaz, F. J. Child-to-Parent violence in Colombian adolescents: prevalence, reasons and socio-cognitive components. *Curr Psychol* 44, 16412–16426 (2025). <https://doi.org/10.1007/s12144-025-08263-3>
- Calvete, E., Gámez-Guadix, M., Orue, I., González-Diez, Z., López de Arroyabe, E., Sampedro, R., Pereira, R., Zubizarreta, A., & Borrajo, E. (2013). Brief report: The adolescent child-to-parent aggression questionnaire: An examination of aggression against parents in Spanish adolescents. *Journal of Adolescence*, 36, 1077–1081. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence>
- Calvete, E., & Orue, I. (2016). Violencia filio-parental: Frecuencia y razones Para las agresiones contra padres y madres [child-to-parent violence: Frequency and reasons for attacks against fathers and mothers]. *Behavioral Psychology*, 24, 481–495.
- Calvete, E. (2023). Are All Child-to-Parent Violence Profiles Associated with Exposure to Family Violence? Findings from a Sample of Spanish Adolescents. *Healthcare*, 11(12). <https://doi.org/10.3390/healthcare11121710>
- Cancino-Padilla, D., Romero-Méndez, C., & Rojas-Solís, J. L. (2020). Exposure to parental violence, child to parent violence and dating violence of Mexican. *Revista de Avances En Psicología*, 6(2), 2423–4464.
- Cano-Lozano, M. C., León, S. P., & Contreras, L. (2021). Child-to-Parent Violence: Examining the Frequency and Reasons in Spanish Youth. *Family Relations*, 70(4), 1132–1149. <https://doi.org/10.1111/fare.12567>
- Cano-Lozano, M. C., Contreras, L., Navas-Martínez, M. J., León, S. P., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2023). Child-to-parent Violence Offenders (Specialists vs. Generalists): The Role of Direct Victimization at Home. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 15(1), 9–22. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2023a2>
- Carrascosa, L., Buelga, S., & Cava, M.-J. (2018). Relaciones entre la violencia hacia los iguales y la violencia filio-parental. *Revista Sobre La Infancia y La Adolescencia*, 15, 98. <https://doi.org/10.4995/reinad.2018.10459>
- Contreras, L., León, S. P., & Cano-Lozano, M. C. (2020a). Assessing Child-to-Parent Violence With the Child-to-Parent Violence Questionnaire, Parents' Version

- (CPV-Q-P): Factor Structure, Prevalence, and Reasons. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.604956>
- Contreras, L., León, S. P., & Cano-Lozano, M. C. (2020b). Socio-cognitive variables involved in the relationship between violence exposure at home and child-to-parent violence. *Journal of Adolescence*, 80, 19–28. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2020.01.017>
- Cottrell, B. (2001). *Parent abuse: The abuse of parents by their teenage children*. Health Canada.
- Dedios Sanguinetti, M. C., Yepes Fiallo, V., Valencia Garzón, M. J., Noy Robayo, A., Pugh, J. D., & Vecino Ortiz, A. I. (2023). Social Norms and Interventions on Peer Violence: A Systematic Review of the Empirical Literature. *Adolescent Research Review*, 8(1), 63–73. <https://doi.org/10.1007/s40894-022-00191-8>
- Del Hoyo-Bilbao, J., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2018). Corporal punishment by parents and child-to-parent aggression in Spanish adolescents. *Anales de Psicología*, 34, 108–116.
- Díaz-Aguayo, M. J., Martínez-Arias, R., & Martín-Seoane, G. (2004). Prevención de la violencia y la exclusión social. *Madrid: Instituto de La Juventud*.
- Fernández-González, L., Orue, I., Adrián, L., & Calvete, E. (2022). Child-to-Parent Aggression and Dating Violence: Longitudinal Associations and the Predictive Role of Early Maladaptive Schemas. *Journal of Family Violence*, 37(1), 181–189. <https://doi.org/10.1007/s10896-021-00269-2>
- Fitz-Gibbon, K., Maher, J., & Elliott, K. (2021). Barriers to Help Seeking for Women Victims of Adolescent Family Violence: A Victorian (Australian) Case Study. In *Young People Using Family Violence* (pp. 39–54). Springer Singapore. https://doi.org/10.1007/978-981-16-1331-9_3
- Gallego, R., Novo, M., Fariña, F., & Arce, R. (2019). Child-to-parent Violence and Parent-to-child Violence: A Meta-analytic Review. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11(2), 51–59. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2019a4>
- Gao, C., Shi, D., & Maydeu-Olivares, A. (2020). Estimating the Maximum Likelihood Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) with Non-normal Data: A Monte-Carlo Study. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 27(2), 192–201. <https://doi.org/10.1080/10705511.2019.1637741>

- Harries, T., Curtis, A., Skvarc, D., Walker, A., & Mayshak, R. (2023). The Child-to-Parent Violence Functions Scale (CPV-F): Development and Validation. *Journal of Family Violence*, 38(7), 1287–1301. <https://doi.org/10.1007/s10896-022-00425-2>
- Harries, T., Curtis, A., Skvarc, D., Benstead, M., Walker, A., & Mayshak, R. (2024). Not all child-to-parent violence is the same: A person-based analysis using the function of aggression. *Family Relations*. <https://doi.org/10.1111/fare.12991>
- Holt, A. (2021). International and cross-cultural research on violence against parents. In *In T.K. Shackelford (Ed.) The SAGE Handbook of Domestic Violence* (pp. 841–858).
- Howard, J., & Rottem, N. (2008). *It All Starts At Home Male Adolescent Violence to Mothers*. www.ischs.org.au.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6(1), 1–55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Ibabe, I., & Bentler, P. (2016). The contribution of family relationships to child-to-parent violence. *Journal of Family Violence*, 31, 259–269. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9764-0>
- Ibabe, I. (2020). A Systematic Review of Youth-to-Parent Aggression: Conceptualization, Typologies, and Instruments. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.577757>
- Ibabe, I., Armoso, A., & Elgorriaga, E. (2020). Child-to-Parent Violence as an Intervening Variable in the Relationship between Inter-Parental Violence Exposure and Dating Violence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(5). <https://doi.org/10.3390/ijerph17051514>
- Ilabaca, P., & Gaete, J. M. (2018). Adolescents who are violent toward their parents: An approach to the situation in Chile. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–21. 10.1177/0886260518808856
- Jiménez-García, Patricia & Pérez, Beatriz & Contreras, Lourdes & Cano-Lozano, M. Carmen. (2022). Analysing child-to-parent violence in Chilean adolescents: Prevalence and reasons. *Current psychology* (New Brunswick, N.J.). 41. 10.1007/s12144-020-01113-4
- Jiménez Granado, Aitor & Del Hoyo Bilbao, Joana & Fernandez, Liria. (2023). Interaction of Parental Discipline Strategies and Adolescents' Personality Traits in the Prediction of Child-to-Parent Violence. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*. 15. 43-52. 10.5093/ejpalc2023a5

- Junco-Guerrero, M., Ruiz-Fernandez, A., & Cantón-Cortés, D. (2022). Family Environment and Child-To-Parent Violence: The Role of Emotional Insecurity. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(15–16), NP13581–NP13602. <https://doi.org/10.1177/08862605211006370>
- Junco-Guerrero, M., Fernández-Baena, F. J., & Cantón-Cortés, D. (2023). Risk Factors for Child-to-Parent Violence: A Scoping Review. *Journal of Family Violence*. <https://doi.org/10.1007/s10896-023-00621-8>
- López-Martínez, P., Montero-Montero, D., Moreno-Ruiz, D., & Martínez-Ferrer, B. (2021). Child-to-Parent Violence, Peer Victimization and Cybervictimization in Spanish Adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(17). <https://doi.org/10.3390/ijerph18179360>
- Margolin, G., & Baucom, B. R. (2014). Adolescents' Aggression to Parents: Longitudinal Links With Parents' Physical Aggression. *Journal of Adolescent Health*, 55(5), 645–651. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.05.008>
- Marsh, H. W., Muthén, B., Asparouhov, T., Lüdtke, O., Robitzsch, A., Morin, A. J. S., & Trautwein, U. (2009). Exploratory Structural Equation Modeling, Integrating CFA and EFA: Application to Students' Evaluations of University Teaching. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 16(3), 439–476. <https://doi.org/10.1080/10705510903008220>
- Martí, A., Gabarda, C., Cava, M. J., & Buelga, S. (2020). Relaciones entre la violencia filio-parental y otras conductas violentas en adolescentes. *Psicología Conductual*, 3, 415–434.
- Molla-Esparza, C., & Aroca-Montolio, C. (2018). Children violence towards parents: An integral definition and their violence cycle. *Anuario de Psicología*, 28(1), 15–21. <https://doi.org/10.1016/j.apj.2017.01.001>
- Nam, B., Kim, J. Y., Bright, C. L., & Jang, D. (2022). Exposure to Family Violence, Peer Attachment, and Adolescent-to-parent Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(7–8), NP4718–NP4739. <https://doi.org/10.1177/0886260520960109>
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2022a). Differential Profile of Specialist Aggressor versus Generalist Aggressor in Child-to-Parent Violence. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(9). <https://doi.org/10.3390/ijerph19095720>

- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2022b). Unique and Additive Effects of Family and School Victimization on Child-to-Parent Violence. *Violence and Victims*, 37(4), 459–478. <https://doi.org/10.1891/VV-2021-0016>
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2023a). Relationship between child-to-parent violence and cumulative childhood adversity: the mediating role of parental attachment, resilience, and emotional intelligence. *Frontiers in Psychology*, 14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1135419>
- Navas-Martínez, M. J., & Cano-Lozano, M. C. (2023b). Risk Factors in Specialists and Generalists of Child-to-Parent Violence: Gender Differences and Predictors of Reactive and Proactive Reasons. *Behavioral Sciences*, 13(2). <https://doi.org/10.3390/bs13020085>.
- Navas-Martínez, M.J., Sicurella, S., Sette, R. et al. Assessment, frequency, and reasons for child-to-parent violence in a sample of Italian adolescents. *Sci Rep* 15, 11178 (2025). <https://doi.org/10.1038/s41598-025-93652-8>
- Nguyen, T. H. H., & Nguyen, T. N. T. (2023). Parent-adolescent conflict: an exploration from the perspective of Vietnamese adolescents. *Frontiers in Psychology*, 14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1243494>
- Orue, I., & Calvete, E. (2010). Elaboración y validación de un cuestionario para medir la exposición a la violencia en infancia y adolescencia. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 10(2), 279–292.
- Paul, P., Pennell, M. L., & Lemeshow, S. (2013). Standardizing the power of the Hosmer–Lemeshow goodness of fit test in large data sets. *Statistics in Medicine*, 32(1), 67–80. <https://doi.org/10.1002/sim.5525>
- Pagani, L., Tremblay, R. E., Nagin, D., Zoccolillo, M., Vitaro, F., & McDuff, P. (2004). Risk factor models for adolescent verbal and physical aggression toward mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 28, 528–537. [10.1080/01650250444000243](https://doi.org/10.1080/01650250444000243).
- Pagani, L., Tremblay, R. E., Nagin, D., Zoccolillo, M., Vitaro, F., & McDuff, P. (2009). Risk factor models for adolescent verbal and physical aggression toward fathers. *Journal of Family Violence*, 24, 173–182. <https://doi.org/10.1007/s10896-008-9216-1>
- Pereira, R., Loinaz, I., del Hoyo-Bilbao, J., Arrospide, J., Bertino, L., Calvo, A., Montes, Y., & Gutiérrez, M. M. (2017). Proposal for a definition of filio-parental violence: Consensus of the Spanish society for the study of filio-parental violence (SEVIFIP). *Papeles Del Psicologo*, 38(3), 216–223. <https://doi.org/10.23923/pap.psicol2017.2839>

- Roche, S. (2023). Child to Parent Violence and Abuse: Family Interventions With Non-violent Resistance. *Australian Social Work*, 76(2), 274–275. <https://doi.org/10.1080/0312407X.2018.1518632>
- Rogers, M. M., & Ashworth, C. (2024). Child-to-Parent Violence and Abuse: A Scoping Review. *Trauma, Violence, & Abuse*. <https://doi.org/10.1177/15248380241246033>
- Rosado, J., Rico, E., & Cantón-Cortés, D. (2017). Influence of psychopathology on the perpetration of child-to-parent violence: Differences as a function of sex. *Anales de Psicología*, 33, 243–251. <https://doi.org/10.6018/analesps.33.2.240061>
- Rubio-Garay, F., Carrasco, M. A., & García-Rodríguez. (2019). Moral disengagement and violence in adolescent and young dating relationships: An exploratory study. *Revista Argentina de Clínica Psicológica*, 22–31. <https://doi.org/10.24205/03276716.2019.1089>
- Rutter, N. (2024). Explosive and Harmful Impulses: A Subset of Child and Adolescent-to-Parent Violence and Abuse. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/08862605241244470>
- Sang, Y. (2021). A Jackknife Empirical Likelihood Approach for Testing the Homogeneity of K Variances. *Metrika*, 84(7), 1025–1048. <https://doi.org/10.1007/s00184-021-00813-6>
- Satorra, A., & Bentler, P. M. (2001). A scaled difference chi-square test statistic for moment structure analysis. *Psychometrika*, 66(4), 507–514. <https://doi.org/10.1007/BF02296192>
- Shi, D., Maydeu-Olivares, A., & DiStefano, C. (2018). The Relationship Between the Standardized Root Mean Square Residual and Model Misspecification in Factor Analysis Models. *Multivariate Behavioral Research*, 53(5), 676–694. <https://doi.org/10.1080/00273171.2018.1476221>
- Shi, D., & Maydeu-Olivares, A. (2020). The Effect of Estimation Methods on SEM Fit Indices. *Educational and Psychological Measurement*, 80(3), 421–445. <https://doi.org/10.1177/0013164419885164>
- Shroff, A., Roulston, C., Fassler, J., Dierschke, N. A., Todd, J. S. P., Ríos-Herrera, Á., Plastino, K. A., & Schleider, J. L. (2023). A Digital Single-Session Intervention Platform for Youth Mental Health: Cultural Adaptation, Evaluation, and Dissemination. *JMIR Mental Health*, 10, e43062. <https://doi.org/10.2196/43062>
- Simmons, M., McEwan, T. E., Purcell, R., & Ogloff, J. R. P. (2018). Sixty years of child-to-parent abuse research: What we know and where to go. *Aggression and Violent Behavior*, 38, 31–52. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.11.001>
- Stoltzfus, J. C. (2011). Logistic Regression: A Brief Primer. *Academic Emergency Medicine*, 18(10), 1099–1104. <https://doi.org/10.1111/j.1553-2712.2011.01185.x>

- Toole-Anstey, C., Keevers, L., & Townsend, M. L. (2023). A Systematic Review of Child to Parent Violence Interventions. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(2), 1157–1171. <https://doi.org/10.1177/15248380211053618>
- Tyndall, S. (2021). Child to Parent Violence and Abuse: Family Interventions with Non-Violent Resistance. *Child Abuse Review*, 30(3), 271. <https://doi.org/10.1002/car.2685>
- Warren, A., Blundell, B., Chung, D., & Waters, R. (2023). Exploring Categories of Family Violence Across the Lifespan: A Scoping Review. *Trauma Violence & Abuse*. <https://doi.org/10.1177/15248380231169486>